

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LETÍCIA S. A. BARROS

O AMOR, A EDUCAÇÃO E OUTRAS POESIAS: UM RELATO DE FORMAÇÃO

JUIZ DE FORA
2026

LETÍCIA S. A. BARROS

O AMOR, A EDUCAÇÃO E OUTRAS POESIAS: UM RELATO DE FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte das exigências para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia, no âmbito
da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a
orientação do Prof. Dr. Juliano Guerra Rocha.

Juiz de Fora/MG, 19 de janeiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juliano Guerra Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora
Orientador

Profa. Dra. Rita de Cassia Pimenta de Araújo Campelo
Universidade Federal de Juiz de Fora
Avaliadora

Profa. Dra. Yara Cristina Alvim
Universidade Federal de Juiz de Fora
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as professoras que fizeram parte da minha trajetória escolar, desde a Soniely, do Ensino Fundamental, que me deixava escrever no quadro, até a Marina, do Ensino Médio, que me acolheu numa fase difícil. Agradeço à moça da secretaria da E.E. Ali Halfeld, que me buscava em sala nos dias chuvosos, pois sabia que eu tinha medo de chuva.

Agradeço à minha mãe, que ficava na rua em frente à escola quando tive medo de ficar sem ela, onde eu pudesse vê-la pela janela.

Agradeço aos professores que me inspiraram na graduação, principalmente Juliano, meu orientador, que, ao acreditar em mim, me deu forças para fazer este trabalho da melhor forma que me foi possível; Rita Pimenta, uma professora que me faz ter mais vontade de viver, por sua forma de ensinar com tanta paixão e responsabilidade; Yara Alvim, outra professora que incentivou a escrita literária em suas aulas e, assim, me motivou muito, mesmo sem saber.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo explorar as potencialidades de articulação entre textos visuais e verbais para a escrita de narrativas sobre experiências formativas docentes. A pesquisa desenvolveu-se como um relato de formação, construído ao longo da trajetória acadêmica e das experiências de estágio em contextos escolares, a partir das quais emergiram reflexões sobre a infância, as relações humanas, a afetividade e as vivências nos espaços educativos. Fundamentado nas contribuições de bell hooks e Paulo Freire, bem como inspirado na literatura e na música brasileiras, o trabalho tensiona os limites da escrita acadêmica tradicional ao reconhecer a arte e a literatura como modos legítimos de produção de conhecimento. Nesse percurso, o livro *Berço-mar* configura-se como produto do TCC, reunindo textos literários e colagens manuais que dialogam com as experiências formativas vividas, evidenciando a potência da criação artística como dispositivo de reflexão, cuidado e humanização na formação de professores e professoras.

Palavras-chave: amor; arte; educação; formação docente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Colagem “História de Pescador?”	15
Figura 2.	Colagem “Em busca do mundo”	16
Figura 3.	Colagem “Destrua a ordem”	17
Figura 4.	Colagem com crianças da Educação Infantil	18
Figura 5.	Procurando imagens para a colagem do texto “Água da torneira”	19
Figura 6.	Imagens recortadas e separadas para a colagem “Água da torneira”	20
Figura 7.	Organizando as imagens “Água da torneira”	20
Figura 8.	As etapas da colagem “Água da torneira”	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. RELATO.....	10
2.1. Eu, escritora.....	10
2.2. Eu, colagista	14
2.3. A construção do livro	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE.....	29

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um convite para percebermos a educação de maneira mais poética e amorosa, valendo-se de experiências de escrita e colagens.

A escrita, em suas diferentes formas, acompanha o ser humano desde tempos remotos como uma das muitas possibilidades de expressão, elaboração e memória. No contexto educacional, ela se torna ainda mais significativa, pois é a partir dela que produzimos conhecimento, compartilhamos experiências e nos reconhecemos como sujeitos que constroem o mundo e por ele somos construídos. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nasce dessa *colagem* entre escrita, educação e experiência: um gesto de registrar, refletir e narrar os caminhos percorridos ao longo da graduação em Pedagogia, articulando vivências, afetos e referências teóricas que atravessaram minha trajetória universitária e profissional.

Inspiro-me na compreensão de que educar é um ato profundamente humano e político, portanto, carregado de intencionalidade, afeto e compromisso ético. Como afirma Paulo Freire (2020), a educação é um ato de amor e coragem, pois exige o enfrentamento das dificuldades e das contradições que constituem a prática pedagógica. Educar exige reconhecer-se inacabado, disposto a aprender, reaprender e transformar-se sempre (Freire, 2020). Mais do que transmitir conteúdos, a educação se configura como relação: relação com o conhecimento, com o outro, com as próprias histórias e com o mundo que habitamos. É nesse sentido que comprehendo minha formação: como um processo que foi se construindo no encontro com pessoas, autores, autoras, escolas, leituras, culturas e afetos.

Ao longo da graduação em Pedagogia, pude vivenciar experiências que extrapolaram o fazer acadêmico formal e que provocaram mudanças profundas na maneira como comprehendo a docência. Os estágios, as vivências em escolas, a participação em programas de formação, como a Bolsa de Treinamento Profissional, e o contato com crianças de diferentes faixas etárias possibilitaram observar, sentir e refletir sobre a complexidade do cotidiano escolar. Esses espaços me mostraram que, para além das teorias e dos planejamentos, a educação é atravessada por subjetividades, desejos, medos, potências e fragilidades, tanto das crianças quanto dos educadores e das educadoras.

Foi nesse movimento que a escrita literária se mostrou um meio de acolhimento e de elaboração. Desde a infância, escrevo como forma de dar sentido

às experiências e às relações que vivo. Se, por um lado, a escrita acadêmica tradicional muitas vezes me provoca insegurança e estranhamento, por outro, a escrita sensível e literária oferece um caminho de expressão mais sincero, possível e agradável. Dessa tensão, nasceu o desejo de construir este trabalho a partir de uma abordagem híbrida, que reconhece a importância da pesquisa e da fundamentação teórica, mas que também acolhe a dimensão afetiva, criativa e poética que atravessa o ato de aprender e ensinar.

Logo, esse trabalho emerge da seguinte problematização: de que maneira articular textos visuais e verbais, mais especificamente a escrita literária, para relatar experiências que atravessaram a formação inicial docente ou que, anteriores a esse período, contribuíram para essa trajetória?

A partir disso, assumimos o objetivo geral de explorar as potencialidades de articulação entre textos visuais e verbais para a escrita de narrativas sobre experiências formativas docentes.

Para tanto, a partir da compreensão de experiência em Larrosa (2002), experimentamos produzir narrativas que flutuam entre as características do gênero conto e crônica. Colasanti (2020) problematiza esses gêneros, ao analisar a escrita de Clarice Lispector. No “Pósfácio” do livro *Felicidade Clandestina* (Lispector, 2020), a escritora reflete sobre o fazer literário de Lispector, problematizando a instabilidade desses gêneros em sua escrita, as dificuldades de distingui-los e de enquadrá-los a partir de características uníssonas, isto é, o modo como a autora “gostava de embaralhar as pistas” (Colasanti, 2020, p. 153).

Ao escrever, nem de longe busco comparar meus textos aos dela; procuro, antes, inspiração nesse modo de escrever contos e crônicas sem obediência rígida às regras, um “jeito único de escrever, que podia ser fluido ou intermitente e que assim era entregue, quase como um confessionário ou uma súbita revelação”. Ainda sobre Lispector, Colasanti diz: “uma ideia, um pensamento, uma sensação a invadia em meio ao cotidiano e ela o colhia na ponta da caneta ou do lápis como se colhe uma borboleta em voo, para depositá-lo na palma da mão dos seus leitores [...]” (Colasanti, 2020, p. 154).

Foi assim, nesse movimento de busca por uma escrita sem horário marcado, que nascia do instante, mas também de um planejamento cuidadoso para apurar as palavras, que nasceu o livro que acompanha este TCC: *Berço-mar*.

O livro *Berço-mar*, que é o produto deste trabalho, é fruto dessa tentativa de unir arte e educação como linguagens que se complementam. As colagens e os textos literários que o compõem não surgem como simples ilustrações ou ornamentos; são modos de narrar e interpretar o mundo, de comunicar sensações e de provocar novos olhares sobre temas que emergiram no percurso da formação docente, como afeto, infância, saúde mental, religiosidade, política e relações escolares. Nesse sentido, o processo de criação artística se articulou com a reflexão pedagógica, abrindo possibilidades para pensar a docência de maneira mais sensível, criativa e crítica.

A elaboração deste trabalho foi atravessada pela compreensão de que a escrita é, como propõe Bakhtin (1997), um fenômeno dialógico. O autor nos ensina que nenhum texto é produzido do nada, escrevemos sempre em resposta e em diálogo com outras vozes. As leituras de Clarice Lispector, bell hooks, Luedji Luna, Caetano Veloso, Chico Buarque e tantos/as outros/as artistas brasileiros/as atravessam este trabalho, não como referências rígidas, mas como presenças que orientam meus caminhos e sensibilidade. Da mesma forma, as falas das crianças também são disparadoras de reflexão, mostrando que a escola é um espaço vivo, repleto de perguntas que nos convidam à reflexão.

Também, minha militância política e minhas vivências enquanto jovem da classe trabalhadora contribuíram para o modo como me aproximo da educação. A participação na União da Juventude Comunista (UJC), especialmente no movimento estudantil, permitiu aprofundar o entendimento sobre o papel social da educação pública e sobre a necessidade de compreendê-la como instrumento de transformação social. Assim, este trabalho é também um modo de retribuir à Universidade pública aquilo que recebi: formação, acolhimento, crítica e oportunidade de desenvolver uma prática que respeita e valoriza a classe trabalhadora.

Portanto, esta introdução marca o ponto de partida para o percurso apresentado neste trabalho, que se organiza em um relato com três partes que buscam refletir sobre o processo de escrita e formação, articulando vivências pessoais e acadêmicas, a descrição e análise do processo de criação do livro *Berço-mar*, composto por dez textos literários e dez colagens. As considerações finais encerram o trabalho, evidenciando a importância da sensibilidade, da arte e do afeto na formação docente.

O leitor e a leitora encontrarão, no “Apêndice”, o livro *Berço-mar*. Fique à vontade para decidir o percurso de leitura: você pode parar aqui e ler *Berço-mar* ou

seguir com o relato de sua escrita e, depois, ter acesso à obra. O movimento é você quem decide. Pessoalmente, sugiro que leia o livro primeiro, para que possa ter suas próprias impressões, antes de descobrir, a partir deste relato, as minhas intenções e percurso.

Por fim, esclareço que ao narrar e analisar minha trajetória de escrita e colagista, não pretendo oferecer respostas prontas ou modelos pedagógicos. Pelo contrário, é um convite ao movimento, à dúvida, à pergunta e à escuta. É uma tentativa de compreender a formação docente como um processo em constante construção, que se faz no encontro consigo, com o outro e com o mundo. Como escreve Freire (1987, 1997), o cansaço que atravessa os trabalhadores e as trabalhadoras nem sempre é físico, mas “existencial” ou “espiritual”, e é justamente por isso que a escrita, a arte e o afeto se tornam tão necessários. Que este trabalho, portanto, seja também um gesto de resistência e esperança! Resistência para não sucumbir à rigidez que muitas vezes engessa a prática pedagógica; e esperança para continuar acreditando na potência transformadora da educação, do amor e da poesia!

2. RELATO

2.1. Eu, escritora

*Me leve a um lugar distante
Me ajude a carregar essa maleta
Onde eu guardo meu cansaço
E meu sonho mais bonito
E um livro de receitas naturais
E um terço prum pai nosso
Um pedaço de pão
E um lápis, o caderno*
(Luna, música “Dentro ali”, 2017)

A construção do livro *Berço-mar* nasceu do desejo de unir a arte e a escrita literária à dimensão acadêmica, demonstrando como é possível pesquisar, ensinar e aprender a partir de uma abordagem mais lúdica e prazerosa. A principal intenção, de início, foi buscar um conforto maior em relação à escrita, já que não me sinto à vontade com a escrita acadêmica tradicional e, por outro lado, a escrita literária sempre fez parte da minha vida, de maneira positiva, como refúgio e recolhimento. A escrita acadêmica engessada, na maioria das vezes, me causa grande insegurança e limita minha criatividade. O que busco, neste trabalho, é uma forma mais sensível e agradável de me colocar neste espaço, a Universidade.

Não fui criada com muito incentivo à leitura. Para a escrita, no entanto, fui instigada. Na infância, não tinha muitos livros, mas gostava de tentar ler o que estava à minha volta: placas de rua, cartazes, fachadas de comércio. Gostava de rabiscar as letras antes mesmo de saber como formar as palavras, e minha mãe gostava de me ensinar. Ela, que acabou deixando a escola na sétima série (hoje, oitavo ano do Ensino Fundamental), também não teve muito incentivo e, mesmo assim, gostava das palavras. Minha mãe domina a ortografia, como ninguém, e me ensinou tudo o que sabia, como quem ensina uma receita de família e, ao mesmo tempo, como se fosse um dom que eu herdaria sem esforço. Aos 6 ou 7 anos, na escola, escrevi o primeiro poema que me lembro:

Real é o meu anjo
E com ele vivo só
O mal eu sempre espanto
Porque Deus é o maior

Lembro que senti muito orgulho por ter construído os versos sozinha. Quando mostrei para a professora e para a minha mãe, elas também se orgulharam. A partir disso, incorporei ainda mais o hábito de escrever. A escrita veio como uma forma de

elaborar melhor os sentimentos e expressá-los. São incontáveis as cartas que escrevi para minha mãe quando criança, e que ela guarda até hoje. Pelo tema do poema, é perceptível também a influência da religiosidade em minha vida, algo que carrego até hoje e que abordo, embora de maneira diferente, em *Berço-mar*.

Aos onze anos de idade, ingressei numa nova escola. Diferente da que estudava antes, nesta, os livros literários estavam mais presentes. Precisei ler alguns clássicos da literatura, que me deram ainda mais vontade de escrever. Continuei com as cartas para familiares e amigos. Mais tarde, já quase adolescente, conheci Clarice Lispector e outros/as escritores/as brasileiros/as. Desbravando a literatura brasileira, comecei a me arriscar mais na escrita de poemas e crônicas. Pensava se Clarice havia, realmente, vivido tudo o que escreveu. Supunha que sim, e também queria escrever sobre tudo o que vivi. Tinha um caderno onde eu escrevia quase todos os dias.

Ainda hoje me surpreendo com Clarice Lispector, consumo suas obras devagar para que nunca acabe. Outro dia, surpreendi-me com mais um trecho com o qual me identifiquei e que trouxe ainda mais sentido para a construção deste trabalho.

Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força – eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa. Embora eu tenha uma alegria: pertenço, por exemplo, a meu país, e como milhões de outras pessoas sou a ele tão pertencente a ponto de ser brasileira. E eu que, muito sinceramente, jamais desejei ou desejaria a popularidade – sou individualista demais para que pudesse suportar a invasão de que uma pessoa popular é vítima -, eu, que não quero a popularidade, sinto-me no entanto feliz de pertencer à literatura brasileira. Não, não é por orgulho, nem por ambição. Sou feliz de pertencer à literatura brasileira por motivos que nada têm a ver com literatura, pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual. Feliz apenas por “fazer parte” (Lispector, 1999, p. 66).

Identifico-me com a alegria de pertencer ao meu país e ser brasileira, tenho o desejo de pertencer à sua literatura. Nunca abandonei as palavras. Continuo me arriscando em novos gêneros de escrita. Das letras rabiscadas no verso das embalagens de cigarro do bar de meu pai, na infância, aos cadernos na adolescência, e agora às telas dos eletrônicos, rendendo-me à praticidade de escrever no computador e, muitas vezes, no celular.

Não me limito a um gênero literário específico, tampouco a dois ou três, gosto de explorar todos que conheço. Há 3 anos, participei do *Slam Independente*, um *slam*

(competição de poesia falada) de Ubatuba, São Paulo. Nunca havia escrito poesias no estilo de *slam*, onde as rimas são necessárias e há uma preocupação maior com o ritmo e a sonoridade. Empolguei-me com a ideia e apresentei três poesias. Acabei ficando em 2º lugar na competição.

Rio de Janeiro, São Paulo, e não pouparam Ubatuba
 Mataram um PM e eles cobraram em dobro, triplo, quádruplo,
 homicídios qualificados
 Janeiro de 2020
 Quem é morto pelo estado não é lembrado
 A conta não fecha, nunca fechou
 Um deles caiu, mas nenhum de nós se levantou
 Não naquele dia, nem no dia seguinte
 Porque podem morrer, a cada dia, mais de vinte
 A gente sempre vai sentir, sempre
 Quem mata é que não sente

Esse é um trecho de uma das poesias que escrevi para o *slam*, denunciando a violência policial em Ubatuba, citando um momento específico em que a Polícia Militar da cidade estava mais agressiva, após um policial ter sido assassinado. O trecho denuncia, também, as mortes causadas pelo descaso do governo em relação à pandemia de covid-19 em 2020.

Percebo que, para mim, a escrita sempre foi uma forma de resistência e de expressão ao mesmo tempo. Mesmo quando nascia de um impulso subjetivo, havia um olhar mais atento para o que me cercava. Escrever sobre as dores coletivas, como na poesia do *slam*, é dizer sobre as minhas próprias dores, sobre a forma como vejo e me reconheço no mundo. Essa mistura entre o pessoal e o social é o que me impulsiona a continuar escrevendo, a transformar vivências em palavras e a buscar, por meio delas, algum sentido ou transformação.

As palavras não nascem amarradas,
 elas saltam, se beijam, se dissolvem,
 no céu livre por vezes um desenho,
 são puras, largas, autênticas, indevassáveis (Andrade, 1945, p. 7).

Por sempre ter tido a escrita presente em minha vida, antes de qualquer contato com a pesquisa acadêmica, torna-se ainda mais difícil reconhecer aquilo que não é inato neste desenvolvimento: de que forma foi construído o meu estilo de escrita? E qual é este estilo?

Sei que algumas narrativas orais me tocavam desde a infância. Gostava de reparar nos diferentes sotaques das pessoas, perguntava o significado de palavras

que ouvia pela primeira vez e gostava de narrativas. Quando minha avó ou minha mãe contavam histórias de vida, reparava em quais palavras escolhiam e como construíam a narrativa. Ainda no campo da oralidade, sempre fui muito ligada à música e, apesar de ser uma construção que envolve sons e instrumentos, o que me prendeu sempre foram as letras.

Uma certeza que tenho em meu estilo de escrita é a de que quase todas as minhas referências são brasileiras, se não todas. Os elementos de minhas narrativas também são focados na cultura brasileira, de diferentes regiões, principalmente trazendo memórias de onde vivo e vivi: Minas Gerais e Ubatuba, litoral paulista. Além dos lugares onde pude pisar, tentei explorar elementos de outros, mesmo com o meu contato limitado ao consumo de produções sobre esses, ou desses, lugares, como filmes, música, novelas, textos etc.

Há uma crença de que os escritores e as escritoras sentam e escrevem com muita facilidade, afinal, é pelo que vivem. Muitos/as alegam não ser essa realidade em suas vidas. Em consonância, em minha experiência, sentar para escrever intencionalmente é uma grande dificuldade. Mesmo na construção deste trabalho, é a partir das vivências, leituras e reflexões durante o dia ou à noite que, de repente, me vem uma inspiração. O texto que dá nome ao livro foi escrito de “supetão”, antes de dormir: me veio um pensamento e comecei a digitá-lo no celular, ali mesmo comecei e finalizei, em poucos minutos, fazendo pequenos ajustes depois. Conversar com as pessoas à minha volta, ouvir música, assistir um filme, ler um trecho, refletir durante uma viagem de ônibus, tudo isso é que me traz ideias, e elas precisam ser escritas na hora.

Ter a escrita como refúgio faz com que ela se torne muito mais pessoal e, consequentemente, tenho mais dificuldade de escrever textos fictícios. Por isso, os textos do livro passeiam entre ficção e realidade, quase sempre sendo impulsionados por alguma experiência real e, depois, desenvolvidos com toques de ficção, para tentar enriquecer as histórias. As colagens que compõem o livro que acompanha esse Trabalho de Conclusão de Curso não são muito diferentes nesse aspecto, já que são impulsionadas por acontecimentos reais em sua maioria.

2.2. Eu, colagista

*A vida é amiga da arte, é a parte que o sol me ensinou
O sol que atravessa essa estrada que nunca passou
[...]*

*Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista
O tempo não pára e, no entanto, ele nunca envelhece
(Veloso, música “Força estranha”, 1978)*

Além da escrita, o livro *Berço-mar* conta com dez colagens em suas ilustrações, uma para a capa e nove no miolo da obra, já que dois textos de temática parecida compartilham a mesma ilustração. A colagem surgiu também como refúgio, porém, mais tarde, no período da pandemia de covid-19. Eu já havia conhecido o trabalho de outros colagistas por meio das redes sociais, admirava e tinha vontade de aprender. A maioria dos conteúdos que eu consumia neste período eram digitais, inclusive as colagens, que eram feitas digitalmente. Nos primeiros dias de quarentena, em 2020, fiz minha primeira colagem digital, por curiosidade e lazer. Decidi compartilhar nas redes sociais e houve uma boa repercussão, o que me incentivou a continuar estudando e experimentando este gênero artístico.

A princípio, eu produzia colagens somente digitais, o que se tornou um *hobby* muito frequente, pois era algo que me trazia satisfação e propósito durante o período de quarentena. Criei um perfil no Instagram (@taquaracola) para divulgar as colagens e logo algumas pessoas começaram a pedir para compartilhar e usar as obras, imprimindo-as ou usando-as como plano de fundo do celular, entre outras maneiras. No começo, eu permiti o uso de maneira gratuita, pois já era uma honra para mim ter o meu trabalho reconhecido. Um tempo depois, percebi que era possível, e justo, cobrar pelo uso das minhas criações, começando a comercializar as colagens. Foi um período bastante proveitoso, me senti valorizada e recebia por algo que gostava de fazer.

Algum tempo depois, meu ritmo de produção foi diminuindo e já não havia mais criatividade para criar semanalmente ou, como no começo, diariamente. Percebi que, apesar de ser vantajoso por um lado, comercializar algo que antes era um *hobby* pode fazer com que deixe de o ser. Assim, diminuí as encomendas e passei a divulgar cada vez menos os trabalhos.

Na tentativa de voltar a ter a colagem como lazer, busquei novas formas de criar e, logo, tive contato com as colagens manuais e quis tentar fazê-las. O processo de criação manual é completamente diferente do digital. Para as obras digitais, eu

normalmente pensava em um tema que queria trabalhar e visualizava mentalmente quais elementos queria adicionar. Assim, procurava pelas imagens em *sites* e ia montando a ilustração no *PhotoScape* ou *Photoshop*. É algo mais estético, mais técnico. Na colagem abaixo, por exemplo, eu queria explorar elementos da cidade de Ubatuba, que tem São Pedro como padroeiro, então, busquei elementos de mar e da religiosidade da cidade.

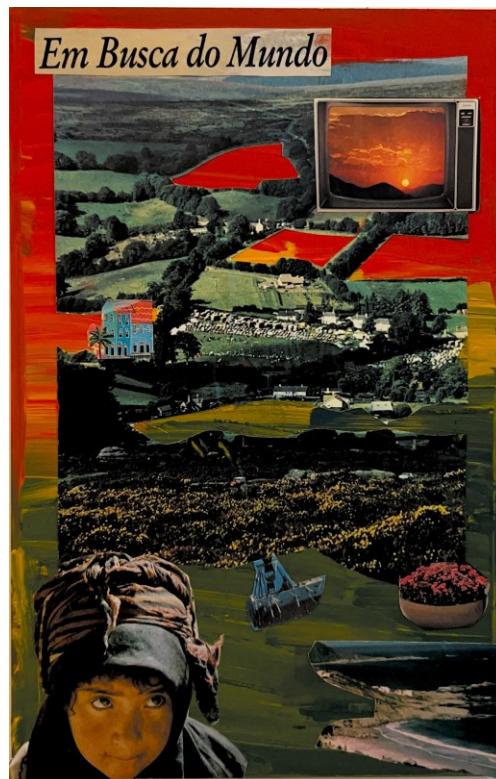
Figura 1. Colagem “História de Pescador?”



Fonte: elaborada pela autora no *PhotoShop*.

Já as obras manuais, são criadas muitas vezes a partir do que se encontra, de forma mais livre, folheando as revistas, deparando com temas ou frases impactantes. Em um processo mais desamarrado, normalmente vou lendo as revistas e, ao encontrar alguma frase ou trecho interessante, procuro imagens que se relacionem com o tema do texto escolhido e vou construindo a colagem.

Figura 2. Colagem “Em busca do mundo”

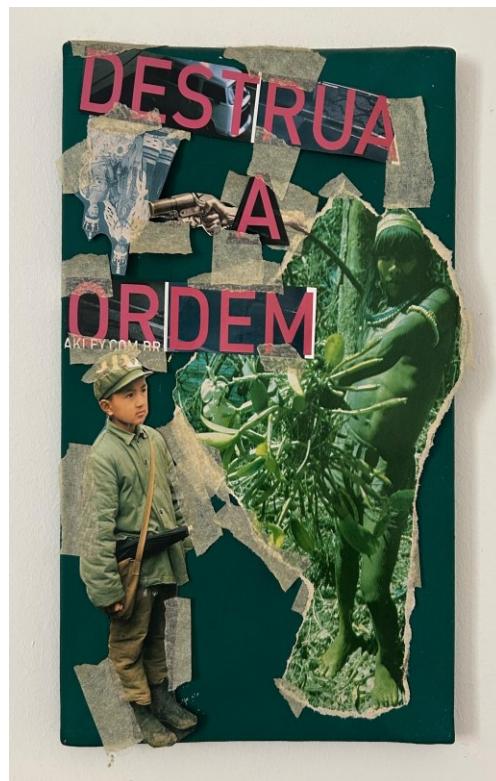


Fonte: elaborada pela autora manualmente.

Nessa colagem manual, por exemplo, o título “Em busca do mundo” me chamou atenção e resolvi ilustrá-lo. A colagem manual dá a liberdade de trabalhar com diferentes elementos, além do papel, tesoura e cola, que são os materiais básicos. Na obra acima, utilizei tinta para dar as cores que eu queria ao fundo. Também é possível utilizar materiais que dão diferentes texturas, como tecidos ou areia; com esses, não tenho muita experiência. Segundo a colagista e designer Domitila de Paula (*apud* Pantolfi, 2021), a colagem “é como se fosse uma produção de camadas de linguagens, referências e narrativas. É um compilado do tempo, de comportamento e de expressões. Tanto de estrutura social, território e identidades individuais ou coletivas. É a soma de significados”.

Houve uma vez em que eu queria fazer uma colagem, mas estava sem cola, então, usei fita para fixar as imagens, o que fez total sentido com o tema, que era político e tinha como intenção provocar a reflexão sobre revolução e o sentido de “ordem”. A escolha pela fita branca, interrompendo uma estética “limpa” que poderia haver na colagem, deixando-a com um aspecto mais bagunçado, o que se relacionou com o tema de rebeldia.

Figura 3. Colagem “Destrua a ordem”



Fonte: elaborada pela autora manualmente.

Com o fim da quarentena e a volta às aulas nas Universidades, incluindo a UFJF, comecei o meu estágio em Educação Infantil. Trabalhei em uma escola que carrega o nome de João Guimarães Rosa, e isso me encantou muito, me inspirando a trabalhar o autor com as crianças. Além da leitura de um livro infantil inspirado na história de vida de Guimarães Rosa, propus uma atividade de colagem manual sobre a vida e as obras do autor. O trabalho com as crianças da Educação Infantil demonstra como a colagem manual não possui barreiras. Qualquer pessoa, de qualquer idade, pode criá-las e, com elas, exercitar a imaginação. Logo abaixo, uma imagem com os “pequenos colagistas”, crianças da Educação Infantil, que convivi e com elas experimentei a arte da colagem.

Figura 4. Colagem com crianças da Educação Infantil



Fonte: acervo pessoal da autora.

Na imagem, as crianças realizaram uma atividade de colagem sobre a vida e a obra de João Guimarães Rosa. Assim, todas as experiências com a colagem levaram para a escrita de *Berço-mar* essa possibilidade de expressão artística, constituindo uma narrativa visual que se formou a partir dos textos, mas que também, em grande medida, os influenciou.

E como produzir uma colagem? Ou, melhor ainda, como eu as produzo?

O material básico necessário para criar uma colagem manual deve contar com uma base que pode ser uma folha de papel, um pedaço de madeira, uma tela, um pedaço de isopor etc., revistas e/ou livros, tesoura ou estilete e cola ou fita adesiva. É um processo tão livre que até mesmo a tesoura pode ser dispensada, as imagens podem ser rasgadas, se o artista preferir.

1º passo: comece definindo um tema para sua colagem, pode ser uma ideia, uma sensação, uma memória ou apenas uma palavra ou frase que sirva como ponto de partida.

2º passo: com o tema definido, reúna materiais como revistas, jornais, panfletos, livros antigos e todo tipo de impresso que possa fornecer imagens e palavras. Ao folhear esses materiais, recorte tudo o que chamar sua atenção ou que pareça fazer sentido com o tema escolhido. Quanto maior a variedade, mais possibilidades você terá.

3º passo: com os recortes prontos, coloque-os sobre a mesa e escolha o papel, base da colagem, que pode ser cartolina, papel cartão ou qualquer outro

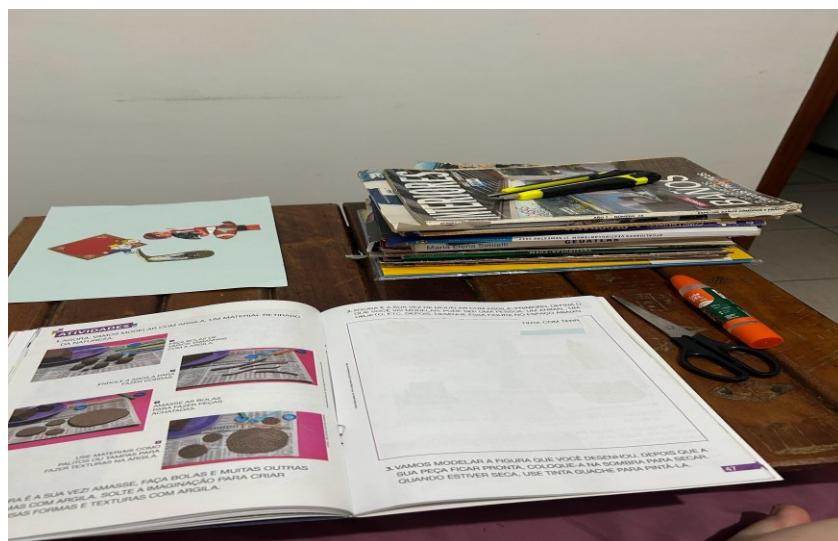
suporte firme, até mesmo um pedaço de madeira ou uma tela. Posicione as imagens sobre o papel, da forma que fizer mais sentido para você. Teste diferentes combinações, sobreponha elementos, mude posições, crie camadas e veja como prefere.

4º passo: quando encontrar uma composição que goste, inicie o processo de colagem. Comece sempre pelos elementos do fundo. Depois, construa as camadas superiores, colando os elementos médios e, por fim, os detalhes de destaque. Essa ordem ajuda a manter a profundidade visual e a organização da composição.

5º passo: finalize acrescentando pequenos detalhes que complementem a colagem. Você pode inserir palavras, pintar espaços em branco, adicionar elementos com textura, como preferir. Depois, é só deixar secar e terá uma obra única, construída a partir de fragmentos que, reorganizados, formam uma narrativa visual própria.

A seguir, algumas imagens ilustram como realizei o processo criativo de produção de uma colagem. Contudo, cada artista o faz a seu modo; não há nunca uma regra única para a produção artística. Como define o escritor mineiro Caio Junqueira Maciel ao falar de sua escrita, sinto que, na colagem, há uma “coceira peterpânica, como se o pó de pirlimpimpim do sítio do Picapau Amarelo me ativasse a voos” (Maciel, 2022, p. 87).

Figura 5. Procurando imagens para a colagem do texto “Água da torneira”



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 6. Imagens recortadas e separadas para a colagem “Água da torneira”



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 7. Organizando as imagens “Água da torneira”



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 8. As etapas da colagem “Água da torneira”



Fonte: acervo pessoal da autora, mosaico feito no aplicativo *InShot*.

2.3. A construção do livro

Para *Berço-mar*, escrevi dez textos que transitam entre conto e crônica, algo que foi difícil definir neste processo. No início de tudo, das colagens e da escrita, não era fácil me reconhecer enquanto artista e autora, ou conseguir definir o tipo de arte que produzo e a maneira que me coloco enquanto autora. O percurso deste trabalho foi muito proveitoso para direcionar minhas intenções e identificar minhas características e particularidades nesses campos. Para escrever os contos e crônicas, dediquei-me à leitura de alguns autores destes gêneros textuais, que me inspiraram e ampararam para discernir quais tipos de construções fazem ou não sentido para mim, e com quais me identifico e busco me influenciar.

O livro foi escrito em meio a um contexto de trabalho docente com crianças, o que perpassou integralmente minhas reflexões tanto para a escrita, quanto para a prática. A criação permitiu a elaboração acerca daquilo que foi vivido e do que pode ser realizado, e quando se convive com crianças, os elementos artísticos e lúdicos tornam-se particularmente enriquecedores, uma vez que se lida, ao mesmo tempo, com a responsabilidade de conhecer e praticar as teorias do desenvolvimento e com a imprevisibilidade das reações infantis àquilo que as rodeia. Algo que se fez presente tanto no dia a dia da sala de aula, quanto em minha fundamentação teórica, foi o amor, não só como sentimento que é, muitas vezes, nutrido para e com os estudantes, mas aquele que comprehendi ser essencial para uma prática pedagógica respeitosa e cativante:

O amor é o que o amor faz, e é nossa responsabilidade dar amor às crianças. Quando as amamos, reconhecemos com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos — os quais nós respeitamos e garantimos.

Não pode haver justiça sem amor (hooks, 2022, p. 72).

Os temas dos textos de *Berço-mar* foram escolhidos a partir das experiências e reflexões na minha trajetória acadêmica, tanto na própria Universidade quanto dentro da escola, durante os estágios. Essas vivências me despertaram questionamentos e considerações acerca de política, religião, afeto, saúde mental e relações em espaços escolares e não escolares. Ao revisitar essas situações, percebi que cada uma delas carregava em uma possibilidade formativa, me provocando incômodos, questionamentos e reflexões que ampliaram meu olhar sobre as infâncias e sobre o meu próprio jeito de ser educadora. Assim, os textos nasceram como

tentativas de elaborar sentimentos que não cabiam nos moldes tradicionais da escrita acadêmica, transformando percepções em narrativas e aproximando a prática pedagógica da sensibilidade que me constitui. Em cada história, busquei costurar fragmentos de vivências reais com elementos ficcionais, criando um espaço onde memória, reflexão e criação se entrelaçam para dar forma às inquietações e aprendizagens que marcaram o meu percurso formativo.

Em “O amor é um ser vivo?”, por exemplo, a colagem veio antes do texto. Surgiu a partir de uma reflexão provocada em sala de aula durante a experiência com a Bolsa de Treinamento Profissional no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, numa turma de 2º ano, em 2023. A professora estava explicando sobre sentimentos naquela semana e, nesse dia, falava sobre amor. Ao longo da explicação, disse que o amor é um sentimento que precisa ser regado. Anteriormente, as crianças estavam estudando sobre plantas na aula de Ciências. Relacionando os dois temas, uma criança levantou a mão e perguntou: “Tia, o amor é um ser vivo?”, e isso me tomou pelo menos uma semana, me fazendo pensar sobre o significado do amor para aquela criança e por qual motivo ele associou o sentimento a um ser vivo. Resolvi fazer uma colagem com essa frase, colocando seres vivos como plantas, animais, e pessoas em momentos de afeto. A reflexão ainda me remeteu às ideias de bell hooks (2022) em seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, em que a autora diz que o amor é ação, e não um mero sentimento que acaba em si mesmo.

No ano de 2019, me organizei politicamente na União da Juventude Comunista (UJC), com foco no movimento estudantil. Dentro da organização, estudei Marx e autores que dialogam com suas ideias, incluindo educadores, como Dermeval Saviani e Nadedja Krupskaia. Em minha prática como militante comunista, pude entender mais profundamente as necessidades da classe trabalhadora e qual o papel da educação na luta para a transformação social. Aprendi a importância de ocupar e dar valor à Universidade pública, de me dedicar para devolver à classe trabalhadora o investimento feito nesta instituição. Agora, focando mais especificamente em trabalhadores da educação, desenvolvi este livro na intenção de compartilhar experiências, indagações, reflexões e sentimentos acerca da prática pedagógica, para instigar ainda mais os questionamentos e a busca por respostas.

Pensar as infâncias que vejo dentro das escolas, me faz lembrar também da infância que tive, do que nela valorizo e o que me faltou. Assim, consigo refletir através do outro e de mim mesma, e arriscar elaborar os sentimentos e perturbações que

atravessam essas crianças e adolescentes. É uma tentativa de aprofundar-me cada vez mais no entendimento das necessidades desses estudantes, e, compartilhando isto, convido outras pessoas a aprofundarem-se também. Não consigo ver outro modo de transformar positivamente a educação, sem ao menos tentar entender os sentimentos e angústias daqueles que são o foco dela. É preciso voltar-se para a própria infância e, assim, também, lembrar da complexidade que é ser criança. Além, é claro, da pesquisa e estudos científicos acerca da infância.

Segundo Bakhtin (1997), todo texto se constitui em diálogos com textos já existentes. Dessa forma, o que li de autores como Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade, dialogam hoje, com os textos que escrevi para *Berço-mar*. Assim como o que ouvi e li de Aldir Blanc, Guinga, Marina Lima, Cazuza, Jards Macalé, Chico Buarque, Djavan, e tantos outros. Dentre as muitas canções brasileiras que me inspiram, está “Você, Você”, de Chico Buarque (1998). Nesta letra, Buarque imagina e interpreta os pensamentos de um bebê, seu neto, sobre a mãe:

A seda a roçar no quarto escuro
E a réstia sob a porta
Onde é que você some?
Que horas você volta?
Quem é essa voz?
Que assombração o seu corpo carrega?
Terá um capuz, será o ladrão?
Que horas você chega? (Buarque, 1998).

É o que tento fazer em *Berço-mar*, retomar minhas próprias memórias, associá-las às crianças que ensino e assim interpretar suas angústias. É uma tentativa que considero um tanto ambiciosa e arriscada, pois cada criança é um oceano inteiro de possibilidades. É certo que não conseguirei compreender todas as crianças que encontrar nesta trajetória docente, mas sinto que posso alcançar isto com algumas.

Quando criança, eu já lidava com sintomas ansiosos, alguns que enfrento até hoje e só agora comprehendo melhor. Penso que saúde mental é tema fundamental para a educação, inclusive em relação às crianças pequenas. Na escrita de “Água de torneira”, descrevo sensações que vivenciei na infância e almejo provocar a reflexão no leitor sobre comportamentos que podem indicar que uma criança está lidando com algum sofrimento psíquico.

Como nos diz Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p.

78). Entre colagens e textos, *Berço-mar* constituiu-se como uma possibilidade de, ao mesmo tempo, cumprir um ritual acadêmico, a escrita de um TCC, e permitir que a escrita poética tocasse a escrita acadêmica, fazendo-se presente como outro modo de compreender a educação, as crianças e o mundo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que se procura quando se joga futebol? Ganhar a partida ou jogar futebol? Os que perderam, desperdiçaram o seu fim? (...) Quando vamos ao cinema, qual é o fim? É, por acaso, só esperar que termine o filme? Precisamente esta ideia do fim exterior ao que se faz foi extremamente prejudicial à educação. O fim exterior e remoto deu, sempre, muita pressa em terminar. Na aula se deseja terminar a hora de aula, depois terminar o trimestre, terminar o ano, terminar o curso. A única meta é terminar e assim se desperdiça a vida. É como se vivêssemos só para morrer. O fim da vida é ela mesma, não o seu término ou terminação alheia a ela. O fim da vida é o que fazemos com ela e nela (Cirigliano, 1981).

O presente trabalho propôs-se à escrita de dez textos literários e criação de dez artes ilustrativas que retomam reflexões atinentes à prática docente. As palavras e as colagens foram/são o meio que encontrei de tentar fazer alguma diferença no mundo. O livro *Berço-mar* é o primeiro trabalho que pretendo compartilhar com mais pessoas, e a escrita dele é que foi, na verdade, a riqueza da experiência, mais do que o seu resultado.

Mas não vou ficar calado
 No conforto, acomodado
 Como tantos por aí
 É preciso dar um jeito, meu amigo
 Descansar não adianta
 Quando a gente se levanta
 Quanta coisa aconteceu (Carlos; Carlos 1971).

Esse TCC evidencia a importância de o autor sentir-se à vontade para a escrita, mesmo no espaço acadêmico, e assim poder construir projetos muito mais autoriais e significativos. No trabalho docente, é ainda mais importante tomar nota das experiências vividas para que as reflexões acerca da educação sejam feitas com mais atenção e cautela. A escrita literária não deve ser feita apenas por pessoas que buscam viver dela, mas sim por todas as pessoas que desejem mergulhar em suas experiências de forma mais leve e criativa.

Vigotski (2018), ao estudar a arte enquanto forma de elaboração da experiência, diz que a capacidade de criar é o que possibilita que o ser humano projete o futuro e, consequentemente, possa visualizar e transformar o presente. O autor, em antítese à ideia tradicional de imaginação como parte do campo das coisas irreais, evidencia a imaginação como forma de estudo e combinação dos elementos conhecidos e, por conseguinte, fonte de ideias e de atividade. A imaginação e a

criatividade tornam-se, assim, na prática docente, ferramentas essenciais tanto para professoras e professores, na elaboração e estudo de suas experiências, quanto para o direcionamento dos estudantes: a arte passa a ser um meio de entrar em contato com o mundo, enxergá-lo e engendrar possibilidades de vivê-lo e transformá-lo.

A escrita literária em *Berço-mar* teve, para mim, essa função de combinar as experiências profissionais, as experiências pessoais e as referências teóricas, de forma que se complementassem em significado. O uso das colagens artísticas, por sua vez, possibilitou o enriquecimento das histórias contadas e reflexões feitas, já que além de apresentar elementos estéticos que ilustram minha visão acerca daquilo que remete aos textos, também abrem a margem de novas interpretações que partem das experiências e referências de quem interage com a obra.

A profissão docente não é possível sem constante formação teórica e humana. A construção desse livro como trabalho de conclusão de curso é uma forma de empregar imaginação e criatividade em meu processo formativo enquanto Pedagoga, no passo em que as desenvolvo. É, também, um convite para que aquelas pessoas que venham a ler, visualizar e entrar em contato com essa obra utilizem, também, dessa ferramenta criativa para a elaboração de sua atividade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Consideração do poema. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Edição integral. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1945.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr., p. 20-28, 2002.
- BUARQUE, Chico. Você. 1998. Interpretação: Mônica Salmaso. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0m6Sjz7YMEw&list=RD0m6Sjz7YMEw&start_radio=1. Acesso em: 29 out. 2025.
- CARLOS; Erasmo; CARLOS, Roberto. *É preciso dar um jeito, meu amigo*. 1971. Interpretação: Erasmo Carlos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FuZ0OdtK3P8&list=RDFuZ0OdtK3P8&start_radio=1. Acesso em: 09 dez. 2025.
- CIRIGLIANO, Gustavo. *Educação e vida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- COLASANTI, Marina. Posfácio. Um fio sobre o abismo. In: LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2022.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LUNA, Luedji. Dentro ali. 2017. Interpretação: Luedji Luna. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0BrbgBZCPAsxB9g1INuh9G>. Acesso em: 28 out. 2025.
- MACIEL, Caio Junqueira. *Dia das mãos*. São Paulo: Editora Urutau, 2022.
- PANTOLFI, Sergio. *Elle Brasil*. Recorte & cole: saiba mais sobre a tendência manual do momento, 202. Disponível em: <https://elle.com.br/moda/recorte-cole-saiba-mais-sobre-a-tendencia-manual-do-momento>. Acesso em: 09 dez. 2025.
- VELOSO, Caetano. Força Estranha. 1978. Interpretação: Gal Costa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kG28jNVUqV0&list=RDkG28jNVUqV0&start_radio=1. Acesso em: 29 out. 2025.
- VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criatividade na infância*. Tradução: Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São paulo: Expressão Popular, 2018.

APÊNDICE

BERÇO -MAR



LETÍCIA ANTUNES

Para **Mara**, minha mãe, meu maior amor, primeira leitora dos meus versos e maior incentivadora de todos os meus sonhos, que me apresentou uma canção que diz “Porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos, e sonhos não envelhecem.” Por ela, dou este primeiro passo, asso, asso, asso...

Para **Adenilson**, meu pai, cuja forma de viver e mesmo os silêncios me inspiraram.

Para **Raul**, criança que faz parte dessa obra de inúmeras formas, por tanto me ensinar e inspirar.

E, inevitavelmente, para **Juliano**, meu professor e orientador, pois sem seu incentivo e apoio, este livro não existiria.

BERÇO-MAR

01

O AMOR É UM SER VIVO?

08

02

MAIS VALE UM BOBO DO
QUE UM HOMEM RICO

13

03

RETORNO

18

04

A CARTEIRA AO LADO

21

05

ÁGUA DA TORNEIRA

25

06	RAÍZES	29
07	BERÇO-MAR	34
08	O FAZEDOR DE PIPAS	38
09	O DITO PELO NÃO DITO	43
10	A ANATOMIA DO VOO	47

o amor

A collage of various images. At the top left is a large mushroom with a yellow cap and white gills. To its right is a close-up of a tree's interior with orange and yellow fibers. Below the mushroom is a red, textured object resembling a fish or a piece of coral. A tree trunk with green and brown bark curves across the center. In the bottom right corner, a woman in a white coat pushes a stroller with a child. The background is a solid blue. The text "o amor" is overlaid in a white box.

ser

The word "ser" is written in a bold, black, sans-serif font. It is partially cut off at the bottom right corner. The letters are set against a white rectangular background.



É um

vivo?

01

O AMOR É UM SER VIVO?

Fazia calor e os ventiladores não davam conta de tantas crianças naquela sala de aula. E quem dedica seus dias à escola sabe: as crianças no calor ficam ainda mais agitadas. Sabe-se lá o porquê. É uma correria para lá e para cá, mesmo que tentem impedir. As crianças não temem o suor e a fadiga, o sol pode rachar lá fora, elas continuam a correr. No corredor, por exemplo, é proibido correr, para evitar acidentes. Mas as crianças contestam:

— *Se o nome é “corredor”, por que não podemos correr?*

Incontestável. Eu não tentaria discutir, deixem-nos correr. Se caírem, levantam-se. E, se ralarem o joelho, há de melhorar. Arecio quando as crianças questionam e quando compreendem o significado das palavras, ou o inventam. Quem foi que cismou em colocar o nome de “corredor”? Agora que aguentem as interpretações.

A professora explicava sentimentos naquele dia, ou tentava. Quando chegou no amor, aí complicou de vez. O que é o amor? Ousadia da professora tentar dizer. Ela, que no dia anterior explicava coisas tão mais palpáveis, sobre seres vivos:

— *Para que uma planta floresça e tenha saúde, precisamos cuidá-la, deixá-la no sol, depois na sombra, regá-la.*

O amor era uma questão mais difícil, filosófica, sentimental, suscetível a diferentes interpretações – assim como o corredor. Apesar da dificuldade, era importante tentar decifrar, as crianças têm de aprender a dar nome às emoções. E a professora se esforçava:

— *O amor é o carinho que sentimos pela nossa família,*

pelos nossos amigos, pelos nossos animais. É quando queremos estar perto, cuidar e proteger. É um sentimento que precisamos regar para não morrer.

Foi quando uma mão pequena se levantou ao fundo:

— *Então o amor é um ser vivo?*

A professora não entendeu:

— Como assim?

— *Se precisamos regar para não morrer, então é um ser vivo, né?!*

E lá estava uma bela e arriscada interpretação sobre o amor: um ser vivo. A professora não soube contrariar. Vai ver é mesmo um ser vivo, o argumento é difícil de refutar. Regar é ação. Talvez o amor seja o que se faz, mais do que o que se sente. Como um ser que insiste em viver, correndo pelos corredores, mesmo quando não se pode.

RAUL



N

C

Mais
vou
um
ara
Bobo
do
que
rico



02

MAIS VALE UM
CARA BOBO DO QUE RICO

Raul é um menino inteligente, esperto, pensa muito. São sete anos de muitas experiências vividas, principalmente com seu pai, que também foi criado pelo pai. É uma sequência de homens que deram e continuam dando certo, mesmo quando acometidos pelos inevitáveis desastres do mundo e pelos desastres que eles mesmos escolheram abraçar.

Raul gosta de vir à minha casa, diz que a torneira da pia do banheiro parece cachoeira, porque a água sai com muita pressão. Quando menor, também gostava do chuveirinho. Agora que tem um em casa, já não vê mais tanta graça. Gosta que, aqui, pode comer e ver o que quiser, diferente do dia a dia de onde mora. Além do parquinho onde se reúnem outras crianças.

Gosto de conversar com Raul porque ele é observador e sincero, faz piadas tão bem elaboradas que não parecem ter sido feitas por uma criança de sete anos. Aos cinco, tinha uma piada que contava sempre, que ele mesmo inventou:

— *Alguém bateu à porta. Toc toc toc. Quem é? Sou o macaco.* E ria. Ríamos juntos, não tinha como não me divertir com seu riso e a nossa incapacidade de entender a piada. Pergunta ao pai qual o horário preferido dele na escola, e diz que o dele é o lanche:

— *Porque você não estuda, só come.*

Raul presta muita atenção ao comportamento das pessoas à sua volta, para depois poder surpreendê-las com comentários astuciosos. Certa vez, fomos comer pizza, ele com o pai e eu com minha mãe. Em um momento, minha mãe

chamou a minha atenção por algo, como se eu fosse criança. Raul guardou o momento e, dias depois, imitou-a chamando novamente a minha atenção, em tom de ironia. É um menino que domina todas as figuras de linguagem.

Num outro dia, fomos ao cinema. Eu queria muito ver um filme que estava em cartaz. Raul já tinha visto, mas topou ver de novo comigo, e me dava explicações sobre o filme. Antes mesmo de chegarmos ao cinema, já contava quem era o vilão e o mocinho, de quem ele gostava mais e de quem não gostava. Antes de entrarmos na sala, pediu um sorvete de morango. Comprei. Na sala escura do cinema, ele tomou o sorvete quase até o fim. Acendi a lanterna para ver se ele havia se sujado, e notei que o sorvete era, na verdade, de chocolate.

— *Ih, a moça errou, é de chocolate.* Eu disse. E então ele respondeu:

— *Não gostei.*

E eu tive que comer o resto. Fiquei pensando: ele não queria mais e viu na situação um bom argumento para não comer? Ou a cor do sorvete importava tanto assim? Afinal, morango é vermelho e chocolate é marrom. Vai ver ele gosta mais de vermelho.

Certas coisas são muito práticas para esse menino. Numa conversa, me contava coisas legais que seu pai já fez e disse, e eu pontuei:

— *Ele é legal, né?*

Sem pensar nem um segundo, Raul respondeu:

— Mais vale um cara bobo do que rico.

Quis saber de onde ele tirou essa frase, mas ele não soube dizer. Talvez tenha elaborado espontaneamente mesmo, o que comprova sua sagacidade – e seus princípios. Hei de concordar; mais vale um cara bobo do que rico.



03

RETORNO

En quanto eu lamentava pela volta às aulas, naquele momento conturbado da vida em que não se sabe o que se quer, via os mais novos correndo animados pelas ruas, com suas mochilas de rodinhas arrastando pelo chão e perturbando o silêncio. Minha mochila não tinha rodinhas e meus pés se arrastavam até o ônibus, depois até a escola, e até a sala de aula. Estudava numa escola onde me sentia invisível, o tempo com cada um dos professores era curto, o que dificultava me conectar com qualquer um deles. Só me sentia vista quando Mariana ria das minhas tolices. Ela era uma aluna aplicada, mas faladeira, como eu. Fazíamos todos os trabalhos juntas. Os únicos momentos que guardo com carinho daquela sala de aula eram aqueles em que eu estava com ela, rindo de alguma bobagem que falávamos.

Sentávamos na mesa e, assim, nos sentíamos donas da sala. Éramos populares só entre nós mesmas, ela para mim e eu para ela. Vez em quando, Laura juntava-se a nós, nem sempre entendia nossas piadas, mas tinha a educação de rir. Fofocávamos sobre nossos colegas, mas só sobre os de que gostávamos, principalmente sobre Miguel, que era tão romântico e tímido, e tinha os olhos lindos. Assim, o tempo passava mais rápido, não que precisasse, quando estávamos embaladas pelas confissões de desejos que tínhamos para depois da aula, depois da formatura. Para depois da aula: dormir, assistir algo, ou sair à noite. Para depois da formatura: mudar a vida inteira. Mariana queria ser médica. Eu queria ser livre.

As lembranças continuam a me acompanhar. Havia algo na rotina escolar, na forma como cada dia se repetia e, ainda assim, mudava um tanto, que me ensinou a observar as pessoas, a notar suas hesitações, seus trejeitos. E tudo isso sempre me fez pensar muito. Eu não ansiava pelo fim, apesar de imaginar o que seria depois dele, o que faria, com o que trabalharia.

Quando concluí o ensino médio, fui direto para a faculdade, mal tive tempo de pensar. A vida, em uma feliz ironia, me levou de volta para a escola, desta vez enquanto estagiária e professora. Faz todo o sentido que a escola tenha sido e continue a ser algo central em minha vida; é nela que as relações começam, para além da família. Aliás, a escola é, também, uma família. Quanto ao desejo de liberdade, a escola também o estimula, aumenta, pois desejo liberdade não só para mim, mas para todos com quem traço este caminho.

04

A CARTEIRA AO LADO

Havia muitas pessoas engraçadas nas turmas em que estudei. No melhor sentido da palavra: ter graça, ser interessante. Ao menos para mim, que sempre me diverti em observar. Além dos professores, é claro. Alguns muito cativantes e outros, no mínimo curiosos.

Artur era agitado, espalhafatoso. Éramos amigos, mas não todos os dias. Ficava por conta do humor, principalmente do dele. Gostava de falar de motos e carros, trilhas que fazia com o pai. Não conseguia ficar quieto em uma só aula, sempre era repreendido pelos professores. Parecia gostar de ter as atenções voltadas para si, mesmo quando era para tomar bronca. Havia um triunfo em ser interpelado por sua rebeldia.

Nádia estava sempre com um ar de melancolia. Era uma romântica irremediável. Passava a aula de português, matemática, geografia, e ela sempre com o olhar desviado para a janela ou para as últimas folhas de seu caderno, onde escrevia cartas e desenhava incontáveis corações. Vez ou outra, impulsionados pela curiosidade e pelos olhares, alguns meninos tentavam confiscar o caderno e desvelar seus segredos. Nádia não se importava muito, continuava alheia à turma, absorta em seus devaneios apaixonados.

Ana era muito falante, raramente estava de boca fechada, sempre falando com alguém à sua volta. Conversava com as meninas e com os meninos, era popular. E, mesmo assim, conseguia também ser uma aluna exemplar, estudiosa e sempre com boas notas. Os professores tinham uma relação conflituosa com Ana: simpatizam com ela, porque era

inteligente e boa aluna, mas se irritavam também, porque ela conversava durante as aulas. No fim, era uma boa relação, ela conseguia conquistar a todos.

Lucas, o CDF, como diziam, só interagia com a gente nos intervalos. Nas aulas, prestava muita atenção e era muito preocupado com o boletim. Achávamos que ele tinha uma paixão secreta por Ana, pois dava-lhe atenção mesmo durante a explicação do professor, coisa que não fazia com outra pessoa. Ele era baixinho, Ana era alta. Era sossegado e Ana afobada. Bem que dizem que os opostos se atraem.

Eu observava, mas também participava do movimento da turma. Me compadecia da rebeldia de Artur, ao mesmo passo que me pegava viajando como Nádia. Era comigo que, muitas vezes, Ana falava durante as aulas. Em meio a tantas personalidades, o barulho de Artur, os suspiros de Nádia, a falação de Ana, o silêncio de Lucas, fui descobrindo quem eu era. Entre uma conversa interrompida e um devaneio distraído, percebia que a sala de aula era menos sobre fórmulas ou datas e mais sobre aprender a conviver com traços e gostos tão diferentes. E essa é uma das lições que trago da sala de aula: ninguém passa por ela ilesa, sempre saímos carregando um pouco de cada pessoa que se sentava na carteira ao lado.



05

ÁGUA DA TORNEIRA

O uvi dizer que o tempo passa mais devagar quando se é criança. Tentei buscar na memória e, certamente: um dia, por vezes, parecia uma semana. Era bom e ruim, a depender do dia. E, decerto, a depender da infância.

Não eram bons os dias-semana com o medo incessante do que poderia haver no escuro. Eram tantas possibilidades: maus espíritos, monstros, ladrões, baratas, solidão. Esta última era a pior. Era um tormento a solidão sem uma réstia de luz sob a porta.

Criança também se perde em pensamentos, a gente cresce e esquece. E pior: uma gota é tempestade. Se um dia é semana, um dia ruim é semana ruim, e uma semana são quarenta e nove dias.

Lembro-me de quando tomei consciência de minha respiração. Corria de minha casa até a casa de meu primo, no mesmo quarteirão. No meio do caminho, fiquei cansada e parei um pouco, foi quando percebi que respirava. Que perturbação! Nunca mais consegui passar um dia inteiro sem reparar o ar entrando e saindo. Talvez seja por isso que não gosto de yoga. Perceber a respiração não é, para mim, uma satisfação. Afoga.

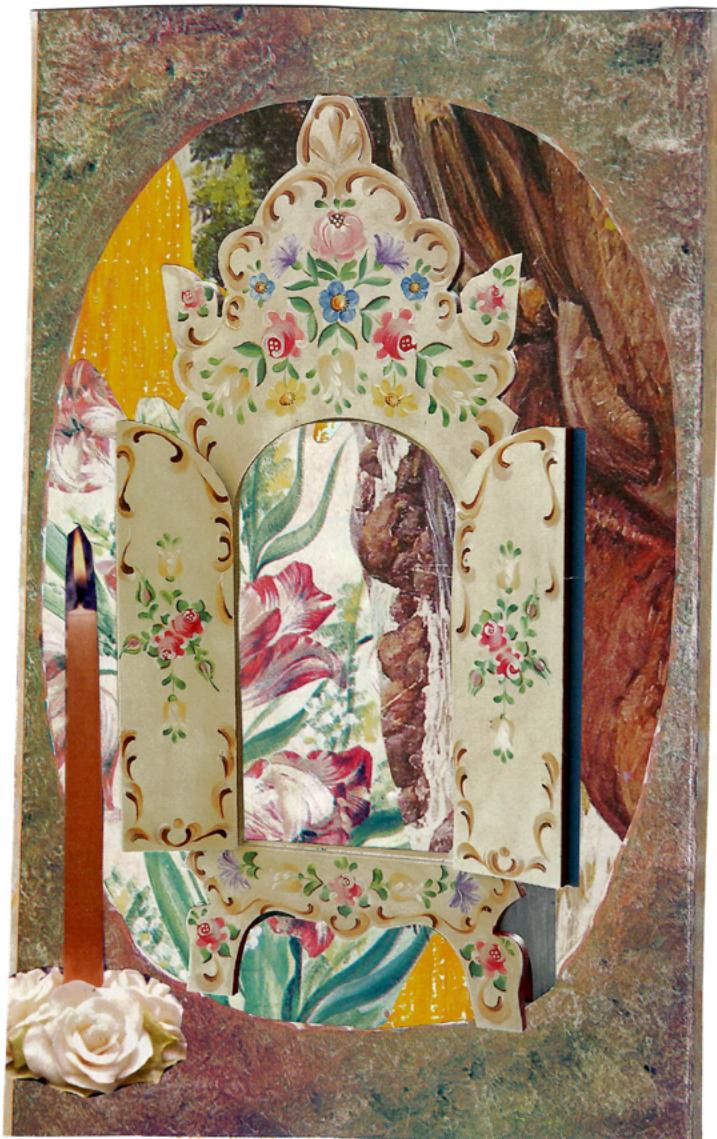
Mais tarde, atentei-me à garganta. Se engolir de mau jeito, posso engasgar. Angustiante. Reparava cada minúsculo movimento no ato de engolir. Sentia medo e interrompia o processo – engasgava.

Fazia sentido ter tanto medo da solidão no escuro. Maus espíritos, monstros, ladrões e baratas poderiam assustar, mas não tanto quanto as próprias aflições. Quando as angústias

eram muitas e eu não podia comprehendê-las, saía para andar de bicicleta, olhando a vida acontecer no bairro. Não apenas a vida humana, mas toda a vida: as plantas, os bichos, os rios e os mares. Com os bichos, chegava a conversar, confessando meus pensamentos. Não esperava resposta, mas sentia certa compreensão. Se o passeio não funcionasse para acalmar os tormentos, ia para casa e me escondia embaixo da mesa, como se ela fosse uma pequena casa dentro da outra, onde me cabia melhor.

Com certa idade, decidi, não sei por que, tomar um gole de água de cada torneira da casa antes de dormir. Não conseguia deitar e pegar no sono se não fizesse o meu ritual. Era como se beber um pouco de água vinda de cada cano da casa me fizesse pertencer a ela e, ela, a mim, e assim me sentiria segura para obedecer ao sono. Se pernoitasse em casa desconhecida, o ritual era ainda mais importante: precisava conhecer e engolir a água de todas as torneiras dessa casa para que ela me recebesse bem.

Hoje, gente grande, ainda reparo a respiração e, às vezes, os movimentos ao engolir. Resisto à vontade de conhecer o gosto da água da torneira das casas que visito, e já não caibo mais embaixo de qualquer mesa. Os bichos que me ouvem, não sei se ainda comprehendem. Ainda me atormenta a solidão.



06
RAÍZES

Era uma menina com olhos cor de rio, cabelos encaracolados e pele cor de terra molhada. Tinha uma vida dita comum: brincava, fazia bagunça, ia para a escola, semanalmente ia rezar. E como gostava de ir rezar! Difícil ver uma criança que gostasse tanto. Dizia que a igreja onde ia era como um parque, cheia de plantas, com cheiro de flores, e lá sentia-se livre. Às vezes, ia de bicicleta, com a mãe acompanhando ao lado. Não vestiam a melhor roupa, frequentemente iam de chinelo. Mas sempre saíam de casa animadas e levavam uma sacola cheia de coisas cheirosas.

Na escola, era uma aluna esforçada e agitada, gostava de contar casos e ouvia atentamente quando contavam. Mesmo quando estava entregue às brincadeiras com colegas, se alguém contasse história, ela parava para ouvir.

Adorava o dia de leitura. Enquanto a professora lia, sempre prestava muita atenção, imaginando os cenários, cores, sons e cheiros daquilo que era lido. Gostava de desenhar paisagens, sempre destacando as águas, o céu, o sol e os verdes das matas. A menina conhecia plantas como ninguém, desenhava uma de cada jeito e com diferentes tons de verde.

— *O que é isso?* — Os colegas perguntavam.

— *É alecrim!*

— *E isso aqui?*

— *Essa é manjericão e, essa outra, guiné.*

Desenhando as folhas, lembrava-se dos cheiros delas, cada uma com um perfume diferente. Adorava mostrar aos colegas como conhecia tantas plantas diferentes. Dizia que a avó ensinou, tinha tudo no quintal de casa.

Embora confiasse muitas histórias aos colegas, havia outras que só ela sabia. Sentia um pouco de conforto em ter seus segredos, e um pouco de chateação: gostaria de poder legar às outras crianças alguns poderes que tinha, apresentar músicas que a deixavam feliz e forte.

Certo dia, um objeto chamou-lhe a atenção: um chaveiro na bolsa da professora. Elogiou:

— *Que chaveiro lindo, tia!*

A professora agradeceu. E a menina queria saber mais:

— *Muito bonita essa moça. Quem é?*

— *É Oxum, um Orixá de uma religião chamada Umbanda.*

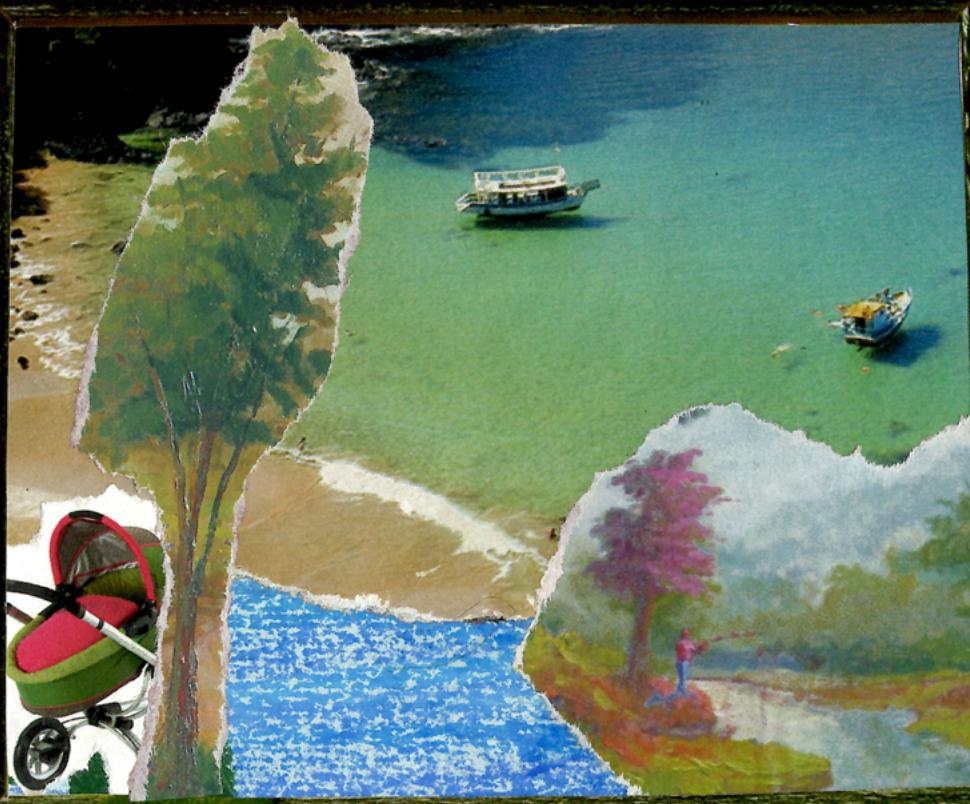
— *A senhora vai em terreiro?*

— *Sim. Você tem religião?*

Os olhinhos amarronzados brilharam, como se tivesse visto um novo horizonte de liberdade e reconhecimento.

— *Também sou dessa religião, mas mamãe diz pra eu não contar pros outros.*

A menina viu, naquela professora, a possibilidade de não se esconder, de poder contar a alguém sobre sua fé e ser percebida. Nem lembrou do conselho da mãe, decidiu confiar seus segredos à professora, ela parecia entender e não tinha medo de andar por aí carregando aquela imagem de Oxum. Queria a menina poder fazer o mesmo, encheria sua mochila com chaveiros de todos os Orixás. Ainda não era dona de todas as suas escolhas, mas, naquele instante, a menina percebeu que sua fé não teria que ser para sempre escondida, e que suas raízes poderiam florescer vistosas e sem podas.





07

BERÇO-MAR

Fui com meu pai a uma cachoeira, onde ficamos em silêncio, não havia motivos para broncas e nem instruções para dar. Sem broncas e sem instruções, ele não tinha porquê gastar as palavras.

Enquanto ele pescava, eu explorava o lugar. Os peixes, inclusive, se assustavam com barulhos – mais um motivo para ele não falar. O silêncio que nos acompanhava desde muitos anos, em grande parte incomodava. Mas não nesse dia. Nesse dia era certo não falar.

Ao descobrir o álibi dos peixes que precisam de silêncio, pescar se tornou nosso passeio favorito. Eu gostava da água e do sol, ele do mato e dos lambaris. Às vezes não pegávamos nada, mas tínhamos passado horas juntos, quietos e em harmonia.

Vez ou outra, eu gostava de quebrar o silêncio fazendo-lhe alguma pergunta. Por que tem toda essa areia aqui, como se fosse praia? Nem sempre ele sabia responder, o importante era ele sentir que eu achava que ele saberia.

Disse-lhe, uma vez, que queria algumas folhas de boldo para tomar um banho. Ele não gostava do meu esoterismo, mas levou as folhas. Depois de alguns dias levando folhas, levou uma muda. Em algumas semanas, era o maior pé de boldo que eu já tinha visto na vida.

Acho que a natureza o persegue, faz parte dele. Quando ele planta, as frutas nascem vistosas e abundantes. Quando ele vai à praia, faz sol. Nas poucas vezes em que chove, permanece na areia, debaixo do guarda-sol, que se torna guarda-chuva, até a água do céu parar de cair e restar apenas toda a água

do mar, onde ele nada como se fosse menino novo.

Sei que meu pai sempre gostou do mar, mesmo antes de eu nascer e poder reparar por conta própria. Ouvi uma história de que ele juntou dinheiro para comprar o meu berço, resolveu ir à praia dar um mergulho e deixou o dinheiro dentro do boné, na areia. Quando voltou não havia mais nada na areia. Aquele mergulho custou cerca de duzentos reais – acho que valeu a pena.

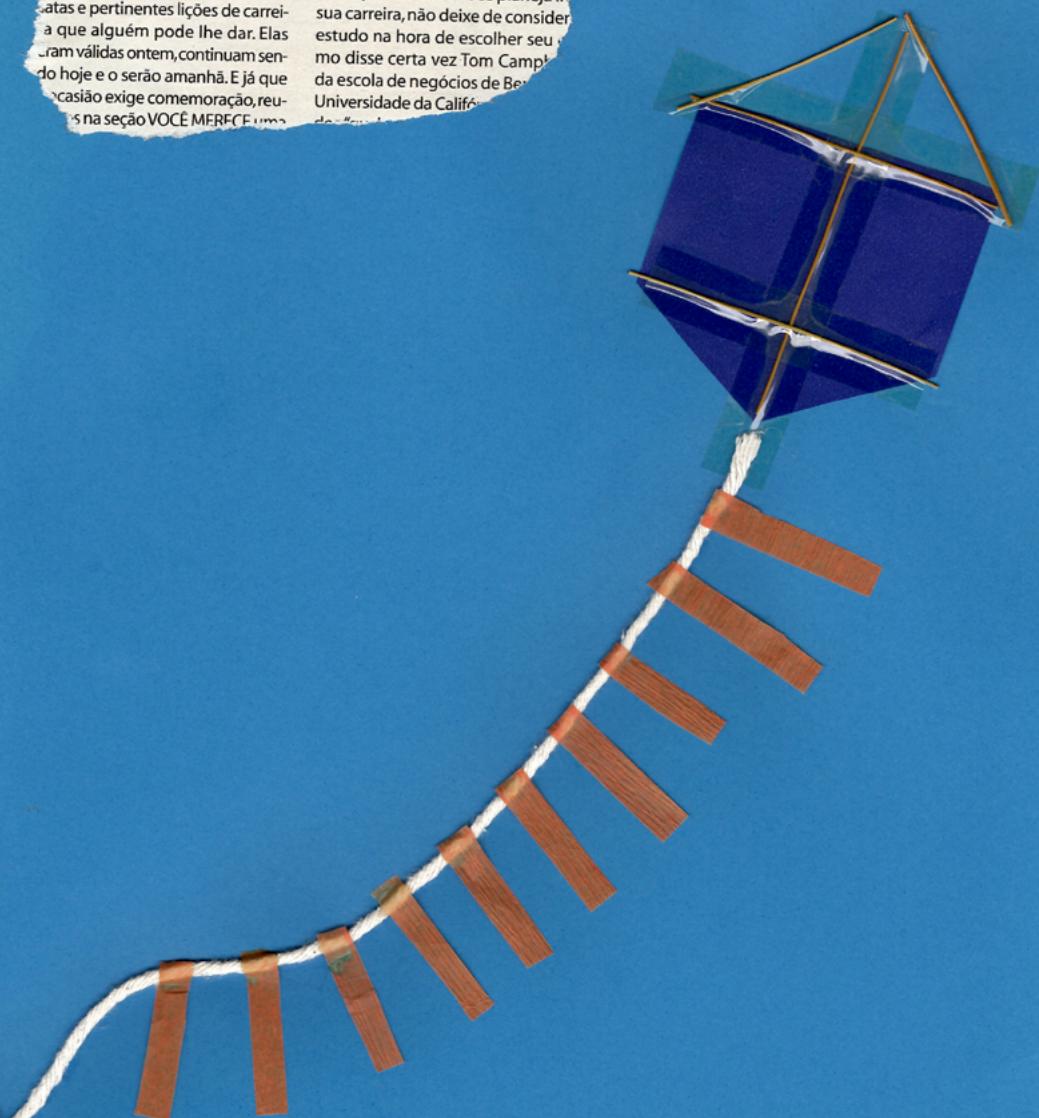
Entre um berço ou o mar, eu escolho o mar.

...os redondos
...mos, chamam a atenção,
...em uma festa com serpentina e
...o mesmo tempo requerem solenidade e
...reflexão. Quem já transpôs a barreira
...0 ou dos 40 sabe do que estou falando!
...m já foi às reuniões dos antigos colegas
...dade — que ocorrem geralmente a
...também sabe. (Recentemente
...tura, reencon-

cisa se preocupar: ambas
...te o mesmo conteúdo, nem uma vi-
...diferença. Por que duas capas? "A Vi-
...nasceu comigo, ajudei a criá-la e atu-
...te acompanho a sua maturidade e
...nua renovação. Ela caminha como um
...vem que quer demonstrar a todos o se-
...lor e manter o seu espaço com a con-
...tência adquirida ao longo da própri-
...riência," diz Pedro Mandelli, o co-
...cofundador.

...dificultades. Pa-
...corar o momento, preparamos
...a você dois presentes. O primei-
...é uma coletânea com as mais sen-
...tas e pertinentes lições de carrei-
...a que alguém pode lhe dar. Elas
...ram válidas ontem, continuam sen-
...do hoje e o serão amanhã. E já que
...ocasião exige comemoração, reu-
...nha na seção VOCÊ MERCE: uma

...sen, a pesquisa, além dos curs
...também as quatro melhores esco-
...gências do país. Se você já foi alun-
...delas, parabéns. Se você planeja ir
...sua carreira, não deixe de considerar
...estudo na hora de escolher seu fu-
...mo disse certa vez Tom Campbell, da
...escola de negócios de Berkeley, da
...Universidade da Califórnia. "Quando



08

O FAZEDOR DE PIPAS

Havia um bar na esquina do bairro, o dono era um homem barrigudo e meio intrincado – às vezes parecia simpático, e às vezes era muito sério. Tinha uma filha pequena, loirinha, vivia com as mãos e os bolsos cheios de bala que pegava no bar. Parecia-se com o pai, até na estranheza de seu humor inconstante.

O bar tinha mesa de sinuca, tocava músicas e havia aquele balcão de vidro abarrotado de doces de todos os tipos: balas, chocolates, chicletes, pirulitos. Havia, ainda, uma época em que o balcão ganhava mais um atrativo: pipas, de todas as cores e estampas.

Muitos meninos no bairro ansiavam o ano todo pela época de soltar pipa, que acontecia durante as férias escolares e nos bons ventos de julho.

Nunca víamos, no entanto, a menina soltando pipa. Se ela podia se fartar de todos aqueles doces do balcão, por que não ganhava nenhuma pipa? Será que ela não gostava de pipas? Não sabia colocá-las no céu? Tudo ficou ainda mais intrigante quando descobrimos que o dono do bar, pai da menina, era quem fazia as pipas. Ele sabia fazer e sabia colocá-las lá no alto, mas a menina não.

Vez ou outra, a esposa do dono aparecia no bar, ajudando-o com alguns afazeres. Cuidava de muitas coisas, limpava a cozinha e arrumava as mesas, enquanto a menina bagunçava tudo. Em algumas dessas bagunças, a mãe se aborrecia, e o pai não se preocupava. A esposa, mãe e ajudante do bar, podíamos ver, tudo ensinava à menina. Dava-lhe

pedaços de papel reaproveitados de embalagens de cigarro, onde a menina desenhava e tentava formar palavras.

— *Mãe, o que está escrito aqui?*

A mãe tentava ler:

— *Abheticabe. Legijbna.*

— *Não consegui formar nenhuma palavra? Perguntava a menina, aflita.*

— *Ainda não, mas já já você aprende! Escreva aí: L-E-I-L-A.*

A menina fazia o E com vários traços. Mas a mãe aplaudia, e Leila, a menina, ficava satisfeita. Três traços não eram suficientes, o E precisava de mais enfeite e graça, como uma árvore cheia de galhos.

Os clientes entravam e saíam do bar, e a menina observava: pais de família cansados do trabalho, crianças maiores buscando refrigerante para o almoço, senhores aposentados pedindo cachaça, mulheres procurando vales-transporte para o ônibus. Cada um deles tinha um pouco de seu pai e um pouco de sua mãe. Alguns clientes eram carinhosos com a menina, outros ignoravam sua presença. Alguns conversavam e davam-lhe doces, outros, mesmo sem nada dizer, ensinavam coisas que a menina observava. Aprendeu a jogar sinuca, ainda que criança não pudesse. Aprendeu a gostar das músicas que escolhiam na máquina de música, ainda que não fossem cantigas infantis.

A menina sabia muitas coisas e a cada dia aprendia mais, mas o que ela queria mesmo era colocar uma pipa no céu. E o fazedor de pipas não lhe ensinava. Ela decidiu, então, observar

seus movimentos de construção: as varetas que, unidas por linha, formam o esqueleto da pipa, a folha de seda estampada, que é colada por cima, as sacolas picadas, que viram rabiola. A primeira coisa que conseguiu fazer foi a rabiola. E assim, começou a ajudar o pai no serviço. Virou hábito. O pai fazia as pipas, a menina fazia as rabiolas. E entendeu que a junção das duas partes é que tornava possível que a pipa voasse no céu.



09

O DITO PELO NÃO DITO

Não me falaram sobre a Palestina ou Israel na escola. Sobre genocídio, não soube de nada. Tampouco me falaram de holocausto. De ditadura no Brasil, ouvi um pouco. Lembro de ter feito um trabalho, em cartolina, sobre os tipos de tortura praticados durante a ditadura. Apesar disso, não entendi direito quem torturava e quem era torturado. Não me falaram de violência policial ou de racismo. Até disseram, timidamente, que houve um golpe. Que golpe seria? Quem golpeou e quem foi golpeado? Não me contaram.

Já no Ensino Médio, conheci algumas letras de Chico Buarque. “Amou daquela vez como se fosse a última. Beijou sua mulher como se fosse a última.” Por quê? Não sabia. “Subiu a construção como se fosse máquina. Ergueu no patamar quatro paredes sólidas.” Como assim, como se fosse máquina? “Morreu na contramão atrapalhando o tráfego.” Deus, quem morreu? Não soube nem o que era tráfego. Descobri depois: movimento ou fluxo de veículos.

Aprendi que o plural de cachorro-quente é cachorros-quente, quando fui comprar um na cantina da escola. Nunca me esqueci. Tempos depois, descobri que me ensinaram errado. O certo é cachorros-quentes mesmo. Comprar lanche na cantina era um luxo, aliás. Eu podia fazer isso às vezes, alguns colegas nunca podiam, e, outros, todos os dias. Havia também uma tia que vendia gelatina de morango com leite condensado.

Minha mãe me ensinou, desde cedo, que algumas pessoas tinham mais dinheiro do que outras, que algumas pessoas

sofriam preconceitos pela cor da pele ou aparência física. Eu não entendia, porém, por que é que isto acontecia. E a escola não ajudou muito nisso. Eu vi acontecer as coisas ruins que minha mãe me contava e me ensinava a não repetir, mas não fui orientada sobre o motivo de essas coisas acontecerem ou como acabar com elas. Ainda assim agradeço todos os dias a minha mãe por ter me ensinado a não repeti-las, mesmo quando não ensinaram o mesmo para ela, que aprendeu sozinha. Coube a mim, também, buscar entender as razões e possibilidades de transformação sozinha.

Nessa busca incessante de por que tantas coisas ruins acontecem, entendi que é preciso dar nome às coisas para poder acabar com elas. É preciso entender quem mata e quem morre, quem sofre e quem causa o sofrimento, quem não tem casa e quem é dono de prédios inteiros desocupados e casas de praia usadas duas vezes ao ano. Entendi que não dizer nada é também dizer algo.

Desejo que as escolas não escondam mais tudo o que esconderam de mim. A educação, no fim das contas, é acender as luzes onde só havia o dito pelo não dito.



10

A ANATOMIA DO VOO

Meire era uma menina meio pipa, saía voando quando batia um vento bom. Assim como as pipas, também, precisava de alguém para desenrolar a linha e colocar a direção. Fosse menino, menina, mãe, pai, irmãos... alguém precisava dar linha na pipa. Justo, muito justo. Quem é que não precisa? Ainda mais sendo moça tão sensível, feita de seda. Sonhava em voar diferentes céus e, quando chovia, gostava de ser guardada na estante com tantas fotos de carinho. Era assim que se sentia em casa.

Quando o tempo começou a correr demais, tantos ventos ventaram, a menina percebeu que se tornara menina grande, ainda com dificuldade de entender-se mulher. E o mais abstruso era ter que dar linha sozinha. Como voar e ainda ter que escolher a direção? Eleger rumos não era exatamente o seu forte, gostava de ir aonde havia sol, amarelo.

A vida enquanto menina era quase perfeita, com tantos carinhos à sua volta. A vida, agora mulher, era mais custosa e desacompanhada. Assim, fez da labuta seu rumo. Nesse mundo de Deus dará, uma mulher na labuta encontra seu brio – e afugenta seus medos. E quantos medos tinha! Sentir-se só, sentir-se presa, sentir-se solta, sentir-se tola. Sentir. Mas o medo não anula algumas coragens.

Com o correr da vida, a mulher-pipa percebeu que, a depender dos ventos, é fácil se perder. Aprendeu que talvez não fosse preciso dar linha o tempo todo. Havia dias em que bastava segurar o carretel com menos força, confiar no vento e aceitar que nem todo voo pede destino certeiro. Meire

entendeu, aos poucos, que crescer não era deixar de ser pipa, mas aprender a sustentar o próprio corpo no ar, mesmo quando a linha embaraça e o vento se embaralha. Ainda feita de seda e sensível ao excesso de vento, ainda amante do amarelo. Só que agora sabia: voar também é saber quando pousar – e pousar não é desistir, é escolher cuidar do fio antes que ele arrebente.

LETÍCIA ANTUNES

BERÇO-MAR